

INTERSUBJETIVIDADE OU COMUNICAÇÃO DAS CONSCIÊNCIAS

ADÍSIA SÁ

O homem é indivisível.

O homem é indivisível. Como um todo é que o homem existe (a expressão “todo” deve ser tomada em toda sua extensão: corpo, espírito, inteligência, vontade, afetividade, ação). (1)

O homem é concreto.

O homem é concreto. Como um ente do mundo e no mundo, a existência do homem é palpável e visível, real e cognoscível.

Significa dizer que o homem é o único existente, em relação à humanidade. Porque “humanidade” é entidade abstrata e só se realiza e acontece e se materializa no homem.

O homem é indivisível e concreto.

Quando eu digo que o homem é indivisível, estarei afirmando que os sujeitos são estanques, absolutos em si?

Como falar-se — se eu estivera dizendo que os sujeitos são absolutos, então, em História da Humanidade? Como entender-se, então, esta mesma História que nos mostra os homens comunicando-se através do tempo?

(1) Homem como individualidade biológica ou amostra da espécie; e homem como pessoa, ou seja, uma categoria moral. Como diz Huisman — “A pessoa é dotada de liberdade, ao passo que o indivíduo é considerado como o efeito estritamente determinado da organização biológica. Por isso, a pessoa não fica isolada, fechada em si mesma, mas pode constituir, com outras pessoas conscientes, uma comunidade.” (V. Ação, p. 153.)

Quando eu digo que o homem é concreto, estarei negando a existência dos demais entes?

Como falar-se — se eu estivera dizendo que só o homem é concreto — então, nas relações homem-natureza, homem-sociedade, homem-homem?

Como o indivíduo pode ser:

— em si (para si)

— fora de si

— e com outrem? (entre)

Se o sujeito é indivisível, é absoluto? Isto é, satisfaz-se completamente em si, tem sua plenitude em si e existe para si?

Os sujeitos não se comunicam entre si?

O homem não é um ente aberto, como se afirma cansativamente?

Diz Leonardo Boff: “Todas as ciências verificam o fenômeno: o homem é um ser aberto à totalidade da realidade. Ele é abertura. Para quem e para que está aberto? Para o mundo? Mas ele se mostra maior que o mundo; modifica-o constantemente em paisagem humana e fraterna; ele não é a resposta adequada ao seu perguntar. Para a cultura? Mas ele cria sempre novas e as utopias constituem o fermento permanente da contestação criadora.” (2)

Até onde vai o direito de o homem ser ele, em contato com outrem? Não existe violação ao sujeito na comunicação, seja interpessoal e / ou coletiva? (3)

Pode o homem comunicar-se com o outro, sem quebrar a sua unidade? Como seria esta comunicação sem violação?

Fromm se refere ao amor. Marx mostra que os homens se unem

(2) Leonardo Boff — **A Ressurreição de Cristo, a Nossa Ressurreição na Morte**. Editora Vozes. Petrópolis, 1972. p. 109.

(3) Para mim há violação do indivíduo na comunicação social: sob sua pressão o homem não opta. Ou seja, predominância da “filosofia do ator”, na expressão de Lemonier ou “bovarismo” (culto do personagem fictício e imaginário). Como nas peças antigas, quando os atores traziam uma máscara como sinal fixo dos personagens representados, nos nossos dias, dada a pressão da sociedade de massa, somos levados a desempenhar o papel que nos designam — seja nas faixas etárias (com modos próprios de vestir, falar, agir), seja nas profissões (tudo determinado), sem opção, sem liberdade — como pessoas. Felizmente, convém que se diga, projeta-se uma reação, ou seja, cresce a sede do homem encontrar-se como pessoa e encontrar o outro, também, como pessoa, rompendo-se, assim, o círculo de ferro da comunicação coletiva e da sociedade de consumo. Os jovens, transformando-se em andarilhos ou juntando-se em “comunidades”, dão um passo no sentido da libertação do jugo da sociedade massificadora. Os cineastas procuram relatar a ânsia do homem de comunicar-se com o outro, chegando, muitas vezes, às raias da catarse...

pelas necessidades de classe e isto seria o seu veículo de comunicação. (4)

Eu disse que o homem é concreto e indivisível, mas disse, também, que a História da Humanidade nos mostra os homens dividindo-se, comunicando-se mutuamente. Essa divisão ou comunicação sofreu um longo processo até chegar à comunicação de massa. A comunicação coletiva ou de massa violenta o sujeito? O mundo também não violenta o homem, pela técnica, pela política, pela moral e pela própria linguagem? (A nossa linguagem não pensa por nós? digamos, parafraseando Cassirer.)

Tudo envolve o indivíduo e, num mundo artificial como o nosso (“mundo hominizado”), as pressões violentam o homem e o impedem de opção. De liberdade. Cores, luzes, sons, odores, tudo nos violenta e tudo invade a nossa individualidade.

O homem, no contexto mundano, é levado a aceitar: não a optar.

A despeito disto, os homens se comunicam, transmitem a cultura, informam as suas experiências.

O que liga os homens entre si, sem violentá-los como pessoas?

Fromm diz que o homem vai ao outro livremente, pelo amor. Embora o sujeito seja indivisível, nenhum homem é uma ilha, na expressão de John Donne. Qual o limite da sociabilidade e da individualidade humana? como posso formar a cadeia humana, sem me perder? sem me perder como pessoa?

O homem é mundano, quer ganhar o mundo: como fazê-lo, sem se perder?

Falo mais sobre a comunicação intersubjetiva, interpessoal, de homem-a-homem, já que, na comunicação coletiva, o homem se perde...

A opção, no nosso mundo, é privilégio de uma minoria.

Mas o homem é um só e busca o “outro”.

O homem dos nossos dias não se comunica com o “outro”: atiram-se.

(4) É possível que alguém chegue a considerar este trabalho como “metodologicamente metafísico”, achando que estou transformando o homem numa entidade e, como tal, isolando-o do todo. Evidentemente que minha preocupação está centralizada no homem-pessoa, isto, todavia, não significa que ignore o todo e não veja o homem no todo dinâmico da natureza e da sociedade. Sem abrir polêmicas com quem quer que seja, lembro que até os adeptos do “método dialético” enfatizam, sem negar a união e a coerência, a ligação e o condicionamento recíprocos dos fatos e fenômenos, este ou aquele aspecto, o econômico, por exemplo, elevando-o, então, ao nível de entidade, de categoria...

Será a palavra, então, que servirá como meio de comunicação? Nunca se falou tanto como agora e nunca se viveu tão só, como agora.

Será o amor? Mas o que vem a ser amor nos nossos dias, quando, pelo visto, sinonimou-se sexo a amor? (5)

O homem, cioso de sua individualidade, não se satisfaz, entretanto, sozinho e busca o "outro".

Nos nossos dias a solidão é quebrada pelos painéis gigantescos das estradas e calçadas, é quebrada pelo rádio, pela televisão. Mesmo assim o homem não quer viver só, sem o "outro".

Josué Montello diz que "as técnicas de comunicação humana não substituem o calor de uma voz humana que se dirige a um único ser".

O destino do ser, então, como pessoa, é unir-se ao outro? Se na coletividade o homem é violentado na sua vontade e no seu querer, só no binômio homem-homem será possível o sujeito encontrar-se com o outro e comunicar-se como consciência a outra consciência?

Sendo a "existência humana essencialmente uma existência social", na expressão de Washington Vita, só entre os homens o homem adquire a dimensão humana.

Ora, entre os homens, isto é, na sociedade (grupão) o sujeito se perde. Restaria a cada homem apenas buscar o outro, para encontrar-se como pessoa?

Eu disse atrás que a linguagem serviria de ponte de ligação entre os homens. Sabemos, todavia, como a linguagem pode, inclusive, esconder os pensamentos. Como falar-se, então, em comunicação das consciências?

Pelo rosto (face, cara) alguém entrará em comunicação com o outro? O comportamento do sujeito está padronizado: a máscara, outrora comum a cada estado e/ou situação dos personagens teatrais, hoje é igual a todos os homens. Como, então, chegar-se à pessoa, se a máscara (cara, face) é invólucro comum?

(5) Não ignoro que muitos autores (literatos e cineastas) tentam identificar o amor ao sexo. Lembro, todavia, que o sexo, como forma de comunicação, não chega a ter o poder absoluto desejado: haja vista o final das mensagens (romances e filmes), sempre a busca do outro, mesmo depois de satisfeito o sexo. Isto é, o anseio pelo diálogo, pela presença, permanece, mesmo depois de alimentado o apetite sexual. Não fora isto significativo e o sexo pelo sexo seria o instrumento da comunicação das consciências, o que não acontece, seja nas chamadas sociedades conservadoras (onde o casamento e/ou mancebia desempenham papel social importante), seja nas avançadas comunidades **hippies**, onde tentam realizar, inclusive, a experiência do "sexo comunitário", de tão (pelo menos até agora) desencorajadores resultados.

Como alguém chegará a mim, se a ele eu apareço como os demais?

Volta-se, gradativamente, ao velho tema da Gnosiologia: sujeito e objeto.

Tudo que existe fora de mim (que sou o sujeito) é objeto. Os homens são objetos para mim, como eu sou objeto para os homens. Mas, sabemos, nenhum homem é objeto para outro homem como a pedra, por exemplo, é para o homem. O homem está frente a frente a outro homem, como se estivera frente a frente a si. O homem, como homem, é intelegível a outro homem (é um corpo que está à sua frente). Mas como consciência, este homem será cognoscível a outro homem?

O homem, dizia eu, é indivisível. Como, então, a comunicação? Indivisível, já expliquei, como sinônimo de todo. Incomunicável?

Serão os homens comunicáveis entre si?

O homem pede se comunicar com o outro homem, pessoa-a-pessoa? Ou só teremos a comunicação coletiva?

Ganha-se o social e perde-se o individual? Eu disse, linhas acima, que o problema da comunicação é, em síntese, problema gnosiológico.

Existe algo?

É possível conhecer?

É possível transmitir?

O corpo existe. A consciência existe.

É possível conhecer a consciência, como se conhece o corpo? Quem conhece a consciência? O homem? Cada homem que a possui? O "outro"? A "humanidade"? (6)

É possível transmitir?

É possível transmitir técnica. É possível transmitir política. É possível transmitir moral.

Será possível o homem transmitir-se a outro homem?

Pela técnica?

Pela arte?

Pela política?

Pela moral?

(6) Há quem diga que o homem, alienado pelos meios de produção, só existirá em sociedade engajando-se à sociedade. A sociedade (atual) é que é injusta e retira do homem tudo que é seu, inclusive (ou principalmente) aquilo que produz. Ora, sabemos muito bem que o problema trabalho x capital é o cerne do mundo contemporâneo e que as teorias filosóficas e políticas têm tentado oferecer caminhos mais humanos para que o homem não se perca neste mundo competitivo e massificante.

Homem-a-homem? (7)

Vimos que na sociedade (grupão) o homem perde-se como pessoa: não tem opção. (8)

Como, então, a comunicação pessoa-a-pessoa? Max Scheler fala do amor, amor de uma pessoa a outra pessoa. Como se processa isto? Este tema talvez seja o que mais recentemente se apresentou aos filósofos, razão por que se pode dizer que é este o centro de interesse dos pensadores contemporâneos. Já se pode falar, então, em “comunicação das consciências”. Antes de nossos dias o conceito de pessoa não se fizera preciso e só agora vem de envolver os nossos pensadores. (9)

Pode-se, pergunto, falar em comunicação, sem falar-se em “comunicabilidade humana”, ou seja, “comunicação das consciências”?

Se a linguagem, como eu digo em páginas anteriores, serve para, inclusive, encobrir o pensamento (o sentimento), qual o instrumento de comunicação pessoa-pessoa, já que ela (linguagem) é, sem dúvida, o meio por excelência dos veículos de comunicação coletiva? (10).

Já tive oportunidade de dizer em salas de aulas, e aqui escrevo, que vivemos a época da comunicação coletiva e o tempo da incomunicabilidade humana. Não estarei repetindo, agora, um contra-senso, uma incoerência?

Como podem os homens se comunicar entre si e viverem socialmente juntos e unidos? Como podem se comunicar entre si, socialmente, se não existe a comunicação pessoa-a-pessoa?

Não vamos nos apegar aos conceitos do Personalismo, de Mounier, nem às concepções de Carl Rogers sobre pessoa: fiquemos na exposição ora apresentada. (11)

(7) Os lingüistas dizem que toda comunicação é, no fundo, transmissão de informação ou transferência de símbolos. Filósofos, por sua vez, afirmam que a comunicação das consciências é possível: pela simpatia (Agostinho, Max Scheler), pelo olhar (Sartre), pelo amor (Mounier).

(8) Para Max Scheler a noção de pessoa compreende o pleno uso da reflexão, a maturidade e o poder de escolher.

(9) Aconselho a leitura do texto de Denis Huisman, p. 138, **Introdução à Filosofia das Ciências**.

(10) É o que diz, noutras palavras, Cassirer, ao se referir ao signo e ao símbolo: “E todo signo esconde em si o estigma da mediação, o que o obriga a encobrir aquilo que pretende manifestar.” (V. **Linguagem e Mito**, p. 21.)

(11) V. Emmanuel Mounier — **Manifesto ao Personalismo**.

Para os personalistas, cada pessoa “lhes aparece como uma liberdade engajada no mundo e entre os outros homens, a fim de encarnar valores eternos em situações particulares e temporais”.

“Até que ponto” — pergunta Erich Fromm, “a psicologia (conhecimento dos outros e de si mesmo) é possível? Quais são os limites

Mesmo sendo a linguagem instrumento de esconder pensamento (sentimento), ainda é o grande veículo de comunicação social. (12)

Quero chamar a atenção para o fato de eu não empregar a palavra “língua” (idioma) mas linguagem. A linguagem, no meu entender, é mais abrangente do que “língua”. Mesmo falando ou inexistindo o dom da palavra, as pessoas podem se entender, desde que o (outro) código empregado seja comum. (13)

Até nesses casos, isto é, falta de palavras (falada ou escrita), reconheço que a “consciência” não pode ser comunicada. Sem o dom da palavra os outros códigos são insuficientes para a transmissão do pensamento (sentimento) das pessoas entre si. Em síntese: a comunicação das consciências transcende os veículos convencionais da comunicação humana (gesto, fala, cor etc.). (14)

Parece que as criaturas chegaram aos maiores requintes da comunicação coletiva e não encontraram o caminho da comunicação das consciências.

Carl Rogers, por exemplo, fala em “abrir canais através dos quais os outros possam comunicar os seus sentimentos, a sua particular percepção do mundo”. (15)

Isto é, o homem, sendo pessoa para outras pessoas. São caminhos que psicólogos, filósofos e até religiosos estão apontando sem que, entretanto, se tenha ainda apresentado um modelo que consiga catalizar o maior número de seguidores ... São caminhos que toda uma gama de especialistas aponta na tentativa de salvar o homem da despersonalização, isto é, de sua alienação como pessoa.

Convém chamar a atenção, também, para outro ponto: o direito à intimidade. Quando eu falo em comunicação das consciên-

desse tipo de conhecimento? E quais são os perigos se esses limites não forem respeitados” — “O Homem Não É Uma Coisa”. In **O Dilema da Sociedade Tecnológica**.

- (12) A linguagem (oral ou escrita) é objetiva e é ela que socializa o homem, isto é, torna real, concreto e comum o pensamento dos homens (e de cada homem). Existe uma rica bibliografia sobre este tema: linguagem e pensamento — e é interessante o seu manuseio por parte dos que querem penetrar em campo tão vasto, quão apaixonante.
- (13) Não existe comunicação sem mensagem, nem mensagem sem linguagem. E a linguagem deve ser significativa para quem recebe e significativa para quem transmite.
- (14) A revista **VEJA**, n.º 232, de 14 de fevereiro de 1973, traz reportagem sobre o encontro com os gigantes e os irmãos Villas Boas. “Ao final do contato, o aceno de despedida, um gesto que o índio parece não entender. De agora em diante, a tarefa dos irmãos Villas Boas será exatamente esta: encontrar sinais e palavras que levem ao diálogo com os gigantes.” (p. 22.)
- (15) Carl Rogers — **Tornar-se Pessoa**.

cias (que eu também chamo de comunicabilidade humana) estou levantando temas para os que, voltados para a comunicação em si, não se esqueçam do enfoque filosófico a ser dado aos mesmos, sem o que a tarefa do pensador e do cientista da comunicação é estéril.

Mal eu abordo o tema da comunicação das consciências (e a reflexão continua aberta para mim), abro outro: o direito à intimidade. Penso na necessidade de um estudo sobre a comunicação das consciências, já que coletivamente nos comunicamos, e penso também na importância de uma análise do direito à intimidade.

A violação à pessoa é tão terrível pelos veículos de comunicação coletiva e demais forças de pressão social (política, escola, família, moral...) que, mesmo sem a compreensão do processo da comunicação das consciências, volta-se o homem na busca de um direito — bem filho do nosso tempo: o direito à intimidade.

O homem, mesmo sem saber como atingir realmente o outro homem (pessoa-a-pessoa), quer libertar-se das forças que o escravizam e o alienam. O homem dos nossos dias não tem o direito de ser ele mesmo (será que não é isto o que impede a efetiva comunicação das consciências?), mas isto não o impossibilita de lutar fortemente para não perder-se no todo social

O que quero dizer, quando afirmo que o homem não tem direito de ser ele mesmo? Estarei reabrindo a velha discussão individualismo x coletivismo? Em absoluto.

Digo que o homem não tem direito de ser ele mesmo, pressionado que está pelo mundo e sua linguagem. O que nos cerca nos leva a responder ao que nos cerca, isto é, somos computados a reagir no meio e para o meio, com o instrumento do meio (que o meio nos oferece).

Direi até que a linguagem pensa por nós, isto é, respondemos ao meio sem um refazer interior das mensagens recebidas: a nossa participação, na resposta, é mínima, vez que o nosso código informativo produzirá resposta com o material colhido no meio.

O mundo que nos cerca nos leva a repetir as coisas e não a refazer (as informações). Tal processo se passa, sem dúvida, no campo social. Minha angústia diz mais respeito à comunicação homem-homem.

Acredito mesmo que no campo social outra forma de relacionamento (comunicação) não possa ser diferente do que é, isto é, coletivo, comum, uniforme.

Mas no que diz respeito às consciências a minha angústia se aprofunda e o problema me inquieta profundamente.

Diz Cassirer: "Todo conhecer teórico parte de um mundo já in-

formado pela linguagem”, (16) valendo, por assim dizer, que é do mundo que o homem tira o seu instrumento de comunicação.

Mas, prossigo na minha angústia: não será o mundo de cada homem (sua consciência, interioridade, subjetividade) mais rico do que o mundo que o cerca?

Não fosse o mundo interior mais rico do que o mundo exterior e este mundo exterior não teria sofrido as transformações que sofreu, sendo considerado um mundo “hominizado”. O que me leva a refletir mais angustiadamente é sobre a relação intersubjetiva, homem-homem, já que não creio em transformações radicais e substanciais no processo da comunicação social.

Com o avanço assustador da máquina, a distância inexistente em nossos dias: olhos e ouvidos eletrônicos nos acompanham ininterruptamente, inclusive nos lares, nos escritórios, nos gabinetes de estudo. Sem direito a ser ele mesmo na rua, na escola, no lar, o homem quer salvar, pelo menos, a sua privacidade, a sua intimidade: aquela faixa de vida que deve ser só sua.

O homem dos nossos dias não tem o direito de ser só (como se o simples fato de conviver-se ou atritar-se socialmente significasse participação, comunicação, convivência humana) e de estar só. (17)

Perdido no mundo, o homem perde-se a si mesmo e, nesta perda generalizada, as pessoas não se encontram, não se comunicam. Não somos violentados todos os dias na nossa livre escolha? Realmente decidimos nas nossas compras, nos nossos amores e nossos quereres?

A pressão da sociedade de consumo nos faculta o direito de opção? Não somos presas fáceis de publicidades bem montadas? Não vivemos e respiramos uma operação publicitária (e de propaganda) em casa, na rua, na escola? Os instrumentos de pressão e opressão nos deixam viver, viver cada um, como é? Onde o homem se encontra consigo mesmo? Onde o homem se encontra com o outro homem?

(16) Cassirer — **Linguagem e Mito**, p. 48/49.

(17) Este tema, do direito à intimidade, recebeu um bom tratamento no trabalho de Richard. H. Rovere (“A Invasão da Intimidade: a Tecnologia e as Reivindicações da Comunidade”, **In O Dilema da Sociedade Tecnológica**, ob. cit.), onde é apresentada a sociedade norte-americana em busca, legalmente, do “direito de ficar sozinha”... Por coincidência, o escândalo de Watergate desnudou todo o esquema de violação e de violação dominante nos Estados Unidos, como corolário da tecnologia avançada de nossos dias.

HISTÓRICO

A comunicação das consciências, como problema, é tema essencialmente contemporâneo, faz parte do discurso dos nossos dias, já que no passado entrou apenas indiretamente nas cogitações e nas obras dos filósofos.

Comunicar-se com o mundo sempre preocupou o homem, mas só muito recentemente a comunicação das consciências entrou nas cogitações filosóficas.

Se bem que não entremos, agora, na análise da comunicação dos homens com a natureza, e, por meio desta, com os deuses e, posteriormente, com os outros homens, chamamos a atenção para tal fato, notadamente na fase mítica antiga e nos pré-socráticos, como ponto de importante referência para o estudo do tema ora em discussão.

Os sofistas — Ao se referirem à relatividade do conhecimento, na sempre citada frase de Protágoras — “o homem é a medida de todas as coisas” — criam barreiras à comunicação das consciências — cada homem seria um mundo e, como tal, incomunicável. O exagero maior dos sofistas encontra-se sem dúvida, em Górgias de Leôncio, que nega o ser, o conhecer e o comunicar.

Sócrates — Está mais voltado para o conhecimento de si mesmo, seguindo o conselho délfico, do que para outras preocupações de ordem “comunicativa”, como tal. A linha perseguida por Sócrates não será abandonada por Platão: muito ao contrário, sob sua inspiração a posição inatista vai tomar vulto e definir-se completamente.

Platão — Chega a falar do Amor, não como veículo de ligação entre pessoas, mas como um ente que deve ser buscado, isto é, o amor existe em si e a pessoa a que se ama é mero instrumento do amor. Ninguém ama, de fato, ninguém: o homem ama o Amor (a Idéia, da qual as criaturas são reflexos). (18)

Platão, no “Crátilo”, investiga a possibilidade de extrair a verdade filosófica da estrutura da linguagem. (19)

(18) V. **Banquete**.

(19) Sobre este último item aconselho **Notas Introdutórias à Lógica Dialética**, de Caio Prado Júnior.

“Crátilo” é um diálogo polêmico, nele figuram três personagens: Sócrates, Hermógenes e Crátilo. O objeto de “Crátilo” é a propriedade dos nomes, discutidos sob o ponto de vista da natureza ou da convenção. Sócrates, discutindo com Hermógenes, prova que os nomes têm um valor intrínseco, uma significação independente da vontade dos que o empregam e que representam a essência das coisas. Platão

Descartes — O conceito de conhecimento, dos sofistas a Descartes, não sofreu alteração. (20)

Descartes fechou dolorosamente a questão da incomunicabilidade humana. O **cogito** cartesiano é sinônimo de solidão. Descartes, com a dúvida metódica, não chega a negar a existência dos corpos a seu redor, mas não assegura a presença de consciência nos corpos que se movem e falam. A única consciência tida como existente para Descartes é a sua própria consciência. (21)

Leibniz — Ao fixar-se nas **mônadas** seguiu a linha dos sofistas e fecha o homem em si mesmo, sem canais comunicantes. O homem (cada homem), na visão de Leibniz, é uma ilha, isolado, único, completo em si.

Berkeley — Segue a linha de Descartes ao afirmar a existência do próprio eu, o qual conhecemos imediata e intuitivamente. Já o conhecimento do outro é possível por meio da razão, por analogia. (22)

refuta assim, teoria de Demócrito, segundo a qual um homem, depois de um longo período de vida selvagem, inventou um sistema de sons articulados, que logo se generalizou entre os demais homens, tornando-se, assim, o tronco geral das línguas." (V. **Compêndio de Filosofia**, Estêvão Cruz.)

No **Crátilo**, diálogo que assim chamou em homenagem a seu professor de linguagem e Gramática, Platão faz Sócrates dizer:

Mas se essas coisas somente podem ser conhecidas através de nomes, como poderemos admitir que os que deram nomes tinham conhecimento ou pudessem ser legisladores antes que existissem quaisquer nomes e, portanto, antes que pudessem deles ter conhecimento?

Crátilo — Creio, Sócrates, que a verdadeira explicação seja que um poder mais que humano deu às coisas seu primeiro nome e que os nomes que assim foram dados são necessariamente seus verdadeiros nomes.

Essa teoria de **Crátilo** constituiu o fundamento da maior parte dos estudos da linguagem até a Renascença. As suas raízes se perderam na antiga "magia" oral da espécie das "divindades do momento", tal como voltou a ser reconhecida novamente hoje em dia por várias razões." (Marshall McLuhan, **A Galáxia de Gutenberg**, p. 53.)

(20) Quando eu digo que o conceito de conhecimento não sofreu alteração dos sofistas a Descartes, afirmo que não foi o assunto tratado como manifestação da alma ou autoconsciência, só posteriormente vindo o conhecimento das coisas. Quanto à comunicação homem-homem, Agostinho enfatizou muito a amizade. (V. **Confissões**.) A mesma concepção agostiniana é seguida no Renascimento — aqui representado, segundo Sciacca, por Campanella. (V. Sciacca — **História da Filosofia**, v. II.)

(21) V. **Discurso do Método**.

(22) V. **Tratado Sobre los Principios del Conocimiento Humano**.

"Sabemos muito bem que o raciocínio analógico não tem força de verdade, isto é, sua conclusão é apenas provável. Daí por que para o emprego legítimo da analogia devem ser obedecidas as seguintes regras: 1.^a) não concluir de semelhanças acidentais e não deixar de

Significa dizer que o conhecimento que temos dos outros é fruto do conhecimento que temos de nós mesmos, ou seja, transferimos para o outro (por interpretação) aquilo que sentimos.

Hegel — Dentro da concepção dialética, a consciência em si não tem sentido e sim a consciência fora de si e entre. Noutras palavras, a consciência de si só se estabelece opondo-se às outras consciências. Nada, portanto, do homem isolado, da consciência solitária, da pessoa em si mesma. É com os outros, entre, que o homem encontra-se como homem. É com as outras, entre as outras, que a pessoa acontece.

Husserl — Ao admitir que “toda consciência, é consciência de alguma coisa”, oferece os dados para a conclusão da existência de outras consciências, evidentemente originária do sentimento de coexistência.

Jaspers — Eu disse que o tema comunicação das consciências é filho dos nossos dias e tentei apresentar pensadores de outras épocas que trataram do assunto sob forma indireta. Não vamos, agora, falar em Hegel — com o “conflito das consciências”. (23) Nem tratemos da “simpatia” — como forma de comunicação das consciências, de Max Scheler. (24) Voltemos nossa atenção para Karl Jaspers que oferece, entre os filósofos contemporâneos, largo caminho à comunicação, mostrando que é no pensamento e na ação, de homem para homem, de indivíduo para indivíduo, que filosofamos. Filosofia e comunicação, em Jaspers, caminham juntas. Esta posição de Jaspers, de que Filosofia e Comunicação caminham juntas, é explicada pelo conceito que ele tem do filosofar como ato de existência: e a existência se concretiza na comunicação. Diríamos, enfim, que para Jaspers viver é comunicar.

atender às diferenças; 2.^a) não emprestar às conclusões analógicas o valor da certeza que só compete aos resultados da indução. A pessoa acometida de derrame cerebral, por exemplo, fica impossibilitada de expressar seus pensamentos (e sentimentos), quer por palavra, gesto ou escrita. Fica esta pessoa, então, à mercê de nossas interpretações. Isto é, deduzimos que esta precisa disto ou daquilo, sente isto ou aquilo, segundo nosso espírito...

(23) V. o que diz Denis Huisman: “Do mesmo modo que na lógica dialética a tese encerra imediatamente a antítese, a consciência de si mesmo só se estabelece opondo-se às outras consciências.”

(24) Max Scheler — *El Puesto del Hombre en el Cosmos*.

CONCLUSÃO

Este trabalho compreendeu os seguintes itens:

1 — o homem como criador do mundo; 2 — o homem como pessoa; 3 — o homem como indivíduo (ser social); 4 — o indivíduo e a comunicação coletiva (única forma de sobrevivência social); 5 — o homem e a comunicação intersubjetiva (ou comunicação das consciências); 6 — o homem perdido como pessoa em favor do indivíduo; 7 — da possibilidade da comunicação intersubjetiva; 8 — instrumento para a comunicação das consciências.

BIBLIOGRAFIA

- AGOSTINHO, Santo — **Confissões**. Porto, Liv. do Apostolado da Imprensa, 1948. p. 471.
- BERKELEY, George — **Tratado sobre los principios del conocimiento humano**. Buenos Aires, Editorial Losada, 1945. p. 177.
- BOFF, Leonardo — **A Ressurreição de Cristo. A nossa ressurreição na morte**: Petrópolis, Vozes, 1972. p. 109.
- CASSIRER, Ernst — **Linguagem e mito**. São Paulo, Perspectiva, 1970. p. 127.
- CRUZ, Estêvão — **Compêndio de Filosofia**. Porto Alegre, Globo, 1944. p. 640.
- DESCARTES, René — **Discurso do método**. Rio de Janeiro, José Olympio, 1960. p. 158.
- FROMM, Erich — O Homem não é uma coisa. In: **Dilema da sociedade tecnológica**. Petrópolis, Vozes, 1971.
- HUISMAN, Denis & VERGEZ, André — **Introdução à Filosofia das Ciências**. Rio de Janeiro, Freitas Bastos, 1965. p. 255.
- **A Ação**. Rio de Janeiro, Freitas Bastos, 1966. p. 362.
- MCLUHAN, Marshall — **A Galáxia de Gutenberg**. São Paulo, Ed. Nacional, 1972. p. 390.
- MOUNIER, Emmanuel — **Manifesto ao serviço do personalismo**. Lisboa, Liv. Moraes, 1967.

- PRADO, Caio, Jr. — **Notas introdutórias à Lógica dialética.** São Paulo, Brasiliense, 1961. p. 254.
- PLATÃO — **O Banquete.** São Paulo, Atena Editora, 1948. p. 152.
- ROGERS, Carl — **Tornar-se pessoa.** Lisboa, Liv. Moraes, 1970. p. 342.
- SCHELER, Max — **El Puesto del hombre en el cosmos.** Buenos Aires, Editorial Losada, 1943. p. 140.
- SCIACCA, Michele Federico — **História da Filosofia.** São Paulo, Mestre Jou, 1966. v. 2. p. 212.
- VEJA. 1973. n.º 232.